

Atribuições de sentido pelas imagens do “Massacre do Centro Cívico” na Folha de São Paulo e no Brasil de Fato ¹

Priscila Santana CALDEIRA²
Universidade Estadual Paulista, Bauru, SP

RESUMO

À medida que grupos sociais têm seus direitos trabalhistas, civis ou sociais atacados, a greve é reconhecida e legitimada como forma de mobilização social e um exercício de participação política. No entanto, a(s) mídia(s) hegemônica(s) – atrelada(s) aos conglomerados de comunicação, deixam de reconhecer a importância de movimentos grevistas. Atuando no contraponto de tendências dominantes, a mídia alternativa se estabelece como lugar de fala para a manutenção da conquista de direitos. O presente artigo analisou as imagens, a partir das técnicas composicionais, do movimento grevista de professores e servidores do Paraná sob a ótica da Folha de S. Paulo e do jornal Brasil de Fato. O objetivo foi comparar o tratamento e a significação atribuídos por esses veículos no “Massacre do Centro Cívico”, nas edições de 29 e 30 de abril de 2015.

PALAVRAS-CHAVE: composição imagética; massacre do Centro Cívico; Folha de S. Paulo; Brasil de Fato

INTRODUÇÃO

O dia 29 de abril de 2015 ficará para a história do Paraná. Nesta data, professores e outras categorias do funcionalismo público organizaram uma manifestação em direção à Assembleia Legislativa daquele Estado para pressionar os deputados estaduais a votar contra projeto de lei que pretendia alterar o regime de previdência dos servidores estaduais. Os manifestantes foram recebidos com violência pela Polícia Militar e o episódio passou a ter duas denominações: Batalha do Centro Cívico ou Massacre do Centro Cívico.

O presente artigo é fruto de uma análise imagética, a partir das técnicas composicionais, deste movimento grevista de professores e servidores sob a ótica da Folha de S. Paulo (FSP) – veículo hegemônico –, e do jornal Brasil de Fato (BdF), o qual tem proposta alternativa. O objetivo foi comparar o tratamento e a significação atribuídos por esses veículos durante a repressão do governo diante do ativismo social do movimento.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 17 a 19 de junho de 2016

² Mestranda em Comunicação pela Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC – Unesp), campus Bauru, e-mail: priscilasantanacaldeira@gmail.com e priscilacaldeira@faac.unesp.br.

Para isso, foi analisada a versão *online* do Brasil de Fato dos dias 29 e 30 de abril. Já na Folha de S. Paulo optou-se por se verificar a versão impressa, por ser um veículo de representativa circulação no Brasil.

Dessa forma, foram estabelecidas categorias para verificar o sentido transmitido na cobertura fotográfica imagética, de forma a demonstrar aspectos ideológicos nas mesmas: enquadramento, cor e plano fotográfico.

A análise das técnicas composicionais teve como base a obra “Composição” de David Präkel (2013). Os arranjos de composição do Brasil de Fato orientaram atenção ao manifestante, enquanto a Folha de S. Paulo privilegiou a multidão e a ação policial.

Contextualização do movimento grevista

Configurada como um mecanismo clássico de luta no qual visa reconstruir um novo pacto social em busca da cidadania, a greve não é apenas motivada pela obtenção de direitos, mas busca evitar a perda dos já conquistados.

À medida que grupos sociais têm seus direitos trabalhistas, civis ou sociais atacados, a greve é reconhecida e legitimada como forma de mobilização social e um exercício de participação política.

No entanto, a(s) mídia(s) hegemônica (s) – atrelada(s) aos conglomerados de comunicação, deixam de reconhecer a importância de movimentos grevistas. Atuando no contraponto de tendências dominantes, a mídia alternativa se estabelece como lugar de fala para a manutenção da conquista de direitos, tratando a cidadania como instrumento de emancipação e justiça social.

O período – 27 de abril a 9 de junho de 2015 – de intensa mobilização dos trabalhadores da educação do Paraná se configura como o segundo momento da greve, com duração de 44 dias, e registrou 90% de adesão de educadores posicionados contrariamente à aprovação do projeto de lei que propunha a alteração do sistema previdenciário naquele Estado. No entanto, a análise no presente artigo privilegia o “Massacre do dia 29”, quando as mobilizações de professores e manifestantes foram reprimidas com violência por parte da Secretaria de Segurança Pública/PR.

No protesto contra a aprovação do referido projeto – sobre o qual a categoria de servidores alegou que seria colocada em risco a sustentabilidade da Previdência estadual –, os

professores acamparam no Centro Cívico da capital paranaense, onde se localiza a Assembleia Legislativa e a sede do governo.

Em 29 de abril, quando os deputados estaduais decidiram votar o projeto, foi montado um cerco no prédio da Assembleia Legislativa, com aproximadamente 1.100 policiais militares. A medida foi justificada pelo governo como cumprimento a uma decisão judicial que previa autorização do uso de força policial caso houvesse ocupação da Casa. No mês de fevereiro, servidores ocuparam o plenário da Assembleia Legislativa a fim de evitar a votação de um pacote de ajuste fiscal.

Impedidos pelo bloqueio de acampar na praça Nossa Senhora de Salete, em frente ao Centro Cívico – como tinham feito em fevereiro –, os professores se instalaram em outra praça próxima ao Centro Cívico, a 19 de Dezembro.

Por volta de duas horas, os policiais dispersaram os manifestantes que estavam acampados com bombas de gás lacrimogêneo, balas de borracha e cães, mesmo depois de eles terem recuado. O confronto teria se iniciado devido à tentativa de um grupo ultrapassar a área de isolamento.

Ainda durante o bombardeio os deputados aprovaram as mudanças na Paraná Previdência e o projeto de lei foi sancionado pelo governador Beto Richa menos de 24 horas após o protesto, que deixou mais de 200 pessoas feridas.

Movimentos sociais: caracterização

Os movimentos sociais procuram encontrar espaço no domínio público, ou seja, ter publicidade, o que leva à necessidade da conceituação sobre movimentos sociais que podem ser definidos como:

...demanda do Estado a efetivação dos direitos sociais, políticos e civis. Empiricamente, é visível no conjunto de manifestações coletivas organizadas, com duração de tempo significativo, um determinado Estado, ou mesmo ações coletivas de caráter global, a exemplo do Fórum Social Mundial. (SOUZA, 2008: p. 9).

A atuação dos movimentos sociais ocorre em diversas esferas, inclusive na mídia. Novos saberes são construídos pelas classes subalternas por meio da utilização de rádios comunitárias, jornais populares, panfletos, pôsteres e instalações artísticas. Esses setores buscam inserir suas informações nas mídias hegemônicas, de modo a expressar suas visões à opinião pública e conquistar espaço no domínio público.

A busca por mudança é característica do movimento social, que se une aos outros por meio de ações que têm como foco a transformação do contrato social e a busca por identidade coletiva. Nesse sentido, cabe estabelecer a conceituação de Gohn (2006, p. 251):

Movimentos sociais são ações sociopolíticas construídas por atores sociais coletivos pertencentes a diferentes classes e camadas sociais, articuladas em certos cenários da conjuntura socioeconômica e política de um país, criando um campo político de força social na sociedade civil.

A autora aponta que suas ações são estruturadas conforme repertórios criados sobre temas e problemas vivenciados pelo grupo na sociedade, desenvolvendo um processo social e político-cultural no qual se cria uma identidade coletiva para o movimento. “Esta identidade é amalgamada pela força do princípio da solidariedade e construída a partir da base referencial de valores culturais e políticos compartilhados pelo grupo, em espaços coletivos não-institucionalizados” (GOHN, 2006, p. 251).

Para Arato e Cohen (apud DOWNING, 2002), no período contemporâneo, os movimentos sociais constituem o que eles denominam esfera pública, cuja essência é o debate e a conversa pública sobre os temas. As redes de comunicação assumem importância para fundamentar a esfera pública alternativa, além do fato de construir as bases dos movimentos sociais.

A habilidade em realizar alianças, de se inserir em redes, de realizar parcerias, de articular-se com outros movimentos com princípios e valores similares, e outras ações expressas no agir político de um movimento demarca, profundamente, sua capacidade de transformar atores sociais em sujeitos sociopolíticos, coletivos, construtores de suas histórias. É no agir político que podemos observar o projeto político que fundamenta o movimento ou a ação coletiva de um grupo (GOHN, 2008: p. 38).

De acordo com a autora, o desejo de mudança e transformação social é formatado nos projetos políticos, os quais se configuram como metas a serem atingidas por um movimento. Segundo Moraes (2010: p. 210), um dos caminhos para a mundialização das lutas sociais é a expansão de redes que façam a ligação de visões de mundo e “deem ressonância a campanhas em prol da democratização da esfera pública”.

O conceito de rede, segundo o autor, iria diluir a hierarquização do poder entre os participantes e instituir relações mais horizontalizadas.

Fotojornalismo como instrumento ideológico

A escolha do veículo Brasil de Fato baseou-se na natureza alternativa de seus discursos e na postura de ideologia contra hegemônica. O contexto de surgimento do Brasil de Fato remete ao Fórum Social Mundial, em 25 de janeiro de 2003, vinculado a movimentos sociais como o MST, a Via Campesina e a Consulta Popular:

Por entenderem que, na luta por uma sociedade justa e fraterna, a democratização dos meios de comunicação é fundamental, movimentos populares criaram o Brasil de Fato para contribuir no debate de ideias e na análise dos fatos do ponto de vista da necessidade de mudanças sociais em nosso país (QUEM SOMOS, 2015).

À medida que o veículo cumpre uma agenda mínima de movimentos sociais e manifestações da sociedade civil, confere “voz” e visibilidade às minorias. O diálogo da imprensa alternativa com manifestações que pregam mudanças sociais assume relevância na sociedade pelo fato de proporcionar a diversidade, além de mostrar autonomia diante dos grandes conglomerados de comunicação.

Desta forma, a análise de um veículo popular mostra-se central porque permitirá identificar o embate cultural-ideológico do contexto em que são subtraídos os direitos de trabalhadores. A mobilização da sociedade civil contemporânea em nome da garantia de direitos não apenas trabalhistas, mas também à educação pública e gratuita de qualidade, problematiza o papel dos meios de comunicação alternativos nesse tipo de articulação que busca, incessantemente, expressões de cidadania.

Em contrapartida a essa narrativa, é importante olhar para a composição imagética do acontecimento na grande mídia a fim de traçar a construção de sentido estabelecida. Dessa forma optou-se pela escolha da Folha de S. Paulo, fundada em 1921, por se tratar do jornal de maior circulação no Brasil – com média de 320.741 exemplares de segunda a domingo, segundo o Instituto Verificador de Comunicação (IVC)³.

O Grupo Folha é um dos principais conglomerados de mídia do país. Controla o jornal de maior circulação e influência (Folha de S.Paulo), a maior empresa brasileira de conteúdo e serviços de internet (UOL), o site noticioso de jornal com mais audiência (Folha.com) e a maior gráfica comercial do Brasil (Plural), além de outros negócios (CONHEÇA O GRUPO FOLHA, 2015).

³ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/institucional/circulacao.shtml>

Análise da composição fotojornalística

Tendo clara a concepção de que a composição fotográfica fornece técnicas para interpretação de determinado acontecimento, é possível afirmar que, além disso, a análise da composição recorta e enquadra o fato. É o que afirma Casadei (2014, p. 275):

Os códigos-padrão de narração, vistos sob a perspectiva das técnicas de composição imagética, participam de certa partilha do sensível na medida em que podem ser vistos como indícios de como o fotojornalismo participa da estetização do acontecimento, organizando, com isso, os modos legitimados de se contar uma estória a partir de imagens. Eles são mesmo expressões de um conjunto de hierarquias de valores ligados aos modos como os fotojornalistas podem ver o mundo e contar sobre ele.

À medida que a fotografia organiza a forma de se contar uma história, é resultado de escolhas, “fotografar é enquadrar, e enquadrar é excluir” (SONTAG, 2003, p. 33).

Para a análise das técnicas de composição da imagem, foram estabelecidas três categorias: enquadramento, cor e plano fotográfico. Das cinco imagens publicadas na versão *online* do Jornal Brasil de Fato nos dias 29 e 30 de abril de 2015, apenas uma está em plano geral⁴ – a referente ao primeiro texto jornalístico veiculado após a repressão dos protestos.

Intitulada “Truculência da polícia de Beto Richa deixa 107 servidores feridos”, a matéria abre com a foto em plano geral a fim de dimensionar a significativa presença de manifestantes na Praça Nossa Senhora de Salete, palco dos protestos. Nessa perspectiva, a ideia foi demonstrar o “clima” de tensão durante o ato, confirmado pela legenda: “‘Parece uma praça de guerra’, publicou no Twitter o prefeito Gustavo Fruet”.

A segunda imagem do texto está em meio primeiro plano, enfatizando um manifestante atingido por bala de borracha ferido no abdômen. A cor – com a predominância do vermelho – nessas duas fotografias foi elemento essencial para transmitir o sentido de disputa, repressão e violência.

⁴ Disponível em: <http://www.brasildefato.com.br/node/31944>

Na segunda matéria do dia: Governo do Paraná volta a reprimir e não dialogar com servidores em greve⁵, não houve o uso da cor nas duas imagens. O preto e branco na primeira fotografia realçou o assunto, ou seja, favoreceu a visualização do spray de pimenta sendo borrifado nos professores em protesto.

A presença da cor não enfatizaria a ação policial nesse caso. Revela também a carga emocional do acontecimento: a falta de avanço na pauta dos servidores, não havendo abertura ao diálogo. Em ambas as imagens foi utilizado plano médio, demonstrando foco nos participantes, em detrimento apenas do cenário.

Já na matéria do dia seguinte ao protesto⁶ – 30 de abril, a fotografia está em primeiro plano (close-up), enfatizando a declaração do ministro da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, Pepe Vargas, quanto à reprovação no uso da violência pela polícia.

Na versão impressa da Folha de S. Paulo, o protesto no centro Cívico foi manchete da edição de 30 de abril de 2015. Intitulada: “Confronto entre PM e servidores fere 170 no Paraná”, a matéria apresenta a imagem da manifestação em plano geral.



No entanto, o corte na parte inferior da fotografia, onde está a multidão, rompe com a noção da real magnitude do movimento: 15 mil manifestantes, entre servidores, professores e alunos da rede pública.

⁵ Disponível em: <http://www.brasildefato.com.br/node/31936>

⁶ Disponível em: <http://www.brasildefato.com.br/node/31954>

O enquadramento centraliza os policiais em detrimento dos participantes, que aparecem posicionados na parte inferior. Alguns manifestantes portam objetos nas mãos.

A escolha da fotografia para a manchete da primeira edição após a deflagração do movimento, que resultou num significativo número de feridos, demonstra os valores/posicionamentos do veículo da grande mídia.

Privilegia-se a negatividade como consequência da ação, reforçando o sentido de confronto, conforme enunciado na manchete de 30 de abril: “Confronto entre PM e servidores fere 170 no Paraná”.

Essa construção de sentido pressupõe que as partes envolvidas: manifestantes X policiais assumiriam condições igualitárias durante o ato contra a votação do projeto. O posicionamento dos policiais era de ataque, com a presença de escudos, jatos de água e bombas de gás lacrimogêneo a fim de impedir que os manifestantes se aproximassem do entorno da Assembleia Legislativa.

A foto subsequente, também em plano geral, transmite ênfase na atuação policial. A repressão se torna mais nítida na imagem, que apresenta um ar dramático, por sobrepor elementos e mostrar o aumento da profundidade e da perspectiva (composição diagonal).



Policiais impedem a entrada de manifestantes na Assembleia do Paraná, onde deputados votaram projeto do tucano Richa



PMs atiram durante o ato; Procuradoria vai apurar excessos

Já a imagem acima com plano médio privilegia a atuação policial, reforçando os excessos que serão apurados, conforme legenda.



Homem ferido na manifestação desta quarta, em Curitiba

O uso do close-up permite trazer à cena “a dor do outro” a fim de gerar discussão acerca dos excessos cometidos pela PM na tentativa de controlar a aproximação das pessoas no entorno da Assembleia Legislativa. O uso da imagem colorida foi fundamental para a produção de sentido.

“Para apresentar uma denúncia, e talvez modificar um comportamento, os fotógrafos precisam chocar” (SONTAG, 2003, p. 58).

Considerações Finais

Diante da análise da composição imagética do Massacre do Centro Cívico, observou-se a diferença nos efeitos de sentido estabelecidos entre o jornal Brasil de Fato (BdF) e a Folha de São Paulo (FSP).

Houve prioridade no enquadramento mais fechado, com o uso do plano médio ou o close-up no BdF, que ressaltou a expressão de luta e sofrimento do manifestante, ao qual foi atribuída uma dimensão de sujeito político. As fotografias buscaram sensibilizar o receptor e causar indignação, principalmente que o direito à manifestação livre e pacífica não fosse atingido. Notou-se a preocupação do veículo em enaltecer o ato reivindicatório, por meio do uso do plano médio. Essa técnica ressaltou a disposição de movimento/ ação do objeto e sua força.

A representação do protesto de servidores no Centro Cívico no Brasil de Fato foi personificada, ganhou rostos. A linha editorial do veículo reflete, assim, as funções de organizador coletivo e de instrumento para construção de uma sociedade futura, onde transmite sua visão popular do Brasil e do mundo – como define o slogan.

Em contrapartida, na grande mídia – representada pela Folha de S. Paulo, o manifestante assumiu caráter disfuncional. O cenário e ambientação foram valorizados em detrimento do elemento humano. A exceção foi a última fotografia que apresentou em plano fechado o rosto ferido de um manifestante.

A *mise-en-scène* permeia a fotografia, é um olhar sobre o mundo: “A encenação está em toda parte, nada se pode imaginar sem ela” (AUMONT, 2006, p. 10). Nesse sentido, a construção narrativa de ambos os veículos a partir da imagem revela a correspondência de interesses com relação à mobilização social.

Referências Bibliográficas

AUMONT, Jacques. O Cinema e a Encenação. Lisboa: Edições Texto & Grafia Ltda, 2006.

CASADEI, Eliza Bacheга. Os álbuns fotojornalísticos online e a construção do acontecimento: atribuições de sentido a partir da composição imagética dos protestos de junho. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 10, p.273-284, maio 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/135505>>. Acesso em: 10 maio 2016.

CONHEÇA O GRUPO FOLHA. São Paulo. 2015. Disponível em:
http://www1.folha.uol.com.br/institucional/conheca_o_grupo.shtml

DOWNING, J. **Mídia Radical** - rebeldia nas comunicações e movimentos sociais 2ª ed. São Paulo: Ed. Senac, 2002.

GOHN, M. G. **Teorias dos movimentos sociais**: paradigmas clássicos e contemporâneos. 5ª ed. São Paulo: Loyola, abril de 2006.

MORAES, D. (org.) **Por uma outra comunicação** – mídia, mundialização cultural e poder. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

PRAKEL, D. Composição. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2013. 184p. (Coleção Fotografia Básica).

QUEM SOMOS. [São Paulo]. [2015]. Disponível em:
<https://www.brasildefato.com.br/quem_somos.html>. Acesso em: 10 maio 2016.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SOUZA, M. A. **Movimentos sociais e sociedade civil**. Curitiba. IESDE Brasil S.A., 2008, 164 p.